

# “DÊ AO GAROTO ESTA MARSHALLTOWN DOURADA”: A ARQUEOLOGIA NA VISÃO DE KENT FLANNERY

## A U T O R A

---

**Martha Helena Loeblein  
Becker Morales**  
mhlbecker@gmail.com

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Paraná, sob orientação da Profa. Dra. Renata Senna Garraffoni.

---

## R E S U M O

---

Este artigo propõe uma análise específica do texto *The Golden Marshalltown*, escrito por Kent Flannery no início da década de 1980. Parábola bem humorada, situada no centro de um debate conceitual, é uma narrativa que possibilita ainda hoje refletir sobre as mudanças teóricas no campo arqueológico, considerando a aceitação e a rejeição de determinadas ideias por diferentes grupos acadêmicos. O objetivo principal é identificar a arqueologia *ideal*, na perspectiva do autor, para analisar criticamente alguns traços importantes do clima intelectual que marcou a disciplina no final do século XX, repercutindo mesmo na atualidade. Deve ficar claro, enfim, que as formas de escrever arqueologia são sintomáticas da formatação disciplinar que se deseja legitimar, definindo o campo de atuação profissional, bem como o comportamento idealizado do arqueólogo.

**Palavras-chave:** Arqueologia, Discurso, Cultura.

## A B S T R A C T

---

This article focuses on a specific analysis of *The Golden Marshalltown*, written by Kent Flannery in the beginning of the 1980s. A humorous parable, positioned in the center of a conceptual debate, it's a type of narrative which still allows us to think about the theoretical changes in the archaeological field, taking into consideration the acceptance and the rejection of certain ideas by different academic groups. The main purpose is to identify the *ideal* archaeology, in the author's perspective, to critically analyze some important features of the intellectual climate that defined the discipline in late 20<sup>th</sup> century, reverberating even today. It must be clear, ultimately, that the ways of writing archaeology are a symptom of the discipline format one wishes to legitimize, setting the limits of the professional activity as well as the ideal behavior for an archaeologist.

**Keywords:** Archaeology, Discourse, Culture.

*Então, filho, algum dia, quando encontrar um garoto que ainda acredita em cultura, em trabalho duro e na história da humanidade; um garoto que esteja em campo porque adora, não porque deseja ser famoso; um garoto que jamais se aproveitaria de dados alheios, ou puxaria o tapete de um colega para subir na vida; um garoto que conhece a literatura e respeita as gerações que vieram antes – dê ao garoto esta Marshalltown dourada.*

É com o trecho acima que Kent Vaughn Flannery, um arqueólogo estadunidense conhecido por seu trabalho em sítios mesoamericanos, resume o que realmente poderia vir a ser chamado de um arqueólogo de *primeira classe*. Ou, pelo menos, é essa a opinião do “Veterano”, personagem principal da parábola *The Golden Marshalltown*, apresentada pelo autor no encontro da Associação Americana de Antropologia de 1981, em Los Angeles (FLANNERY, 1982). Estruturado como um diálogo entre cinco pessoas, incluindo o próprio Flannery, este é um texto cuja contribuição ao debate teórico poderia passar despercebido se encarado como um mero exercício de humor acadêmico, comum em conferências e congressos. Contudo, é justamente a narrativa descontraída e bem-humorada do autor que facilita a compreensão de sua mensagem mesmo por aqueles menos versados no vocabulário da Arqueologia.

Com este artigo, procuro analisar a parábola de Flannery a fim de explicitar sua mensagem, ou seja, o que é a Arqueologia, ou o que ela deve ser em condições ideais, e, conseqüentemente, o que é um “arqueólogo de primeira classe”, na visão do autor. Acredito que este seja um exercício importante para o entendimento das diversas formas que um debate teórico pode assumir no universo acadêmico, manifestando-se inclusive em períodos nos quais a reflexão teórica não parece relevante ou prioritária aos praticantes da disciplina. Ao optar por um texto de aparência despreocupada e cômica, espero tornar clara esta acepção de que mesmo a ausência de posicionamento teórico – direto e transparente – é, por si só, uma forma de posicionamento teórico.

Para tanto, apresento em tópicos os estágios do exame crítico ao qual o texto foi submetido. O ponto de partida é o embasamento teórico que permitiu interpelar o discurso arqueológico, ideia inspirada pelo pensamento de Foucault, além de algumas considerações metodológicas acerca da análise. Logo em seguida, a fim de localizar o documento no espaço e no tempo, a atenção recai sobre o contexto no qual ele foi escrito, inserindo-o em um panorama maior de conjunturas teóricas. Ainda em preâmbulo à análise, são apresentadas as questões presentes na parábola, bem como suas personagens, cuidadosamente eleitas por Flannery como representantes de um debate que os ultrapassa, que simultaneamente as precede e as sucede. Enfim, passando ao estudo pormenorizado do conteúdo, as concepções de Arqueologia que permeiam os diálogos, ou ainda, a concepção que triunfa na voz do protagonista em contraste com as demais pode ser examinada para alinhar-se ao debate constante acerca da identidade desta disciplina. Neste sentido, é importante destacar que o objetivo não é, em nenhum momento, atribuir valor positivo ou negativo às ideias do autor, mas promover uma análise crítica que contemple a inserção e a repercussão das mesmas no clima intelectual que vem marcando a Arqueologia nos últimos trinta anos.

## Foucault pela Arqueologia: uma breve introdução teórica e metodológica

Funari afirma que “na Arqueologia, há dois discursos a serem analisados: aquele da cultura material e sua representação, em forma de texto, sobre a cultura material” (1999: s/p). Sua conclusão se fundamenta na construção que todas as disciplinas fazem de seus objetos, necessariamente por meio de discursos narrativos. O estudo de tais tipos de registros vem se tornando uma tendência importante na Arqueologia já há alguns anos, pois, com o advento do Pós-Processualismo, uma corrente teórica que, dentre outras características, salienta a intencionalidade humana na produção de cultura, também o sujeito-arqueólogo que redige relatórios, publica artigos e ministra palestras passou a ser considerado como um objeto de pesquisa merecedor de consideração.

Muitos dos autores que se dedicam a este tipo de trabalho retomam as ideias de Michel Foucault, como Reis e o já citado Funari. Na aula inaugural no Collège de France, convertida na publicação *A Ordem do Discurso*, o filósofo argumenta que um discurso, longe de expressar “verdades únicas”, veicula *vontades de verdade* que dizem respeito a instituições ou a sociedades de discurso (FOUCAULT, 2008 [1970]). Trata-se de um sistema de exclusão, conduzido e reconduzido por indivíduos autorizados, ou legitimados, atribuindo e distribuindo valores, bem como os transformando. Dessa forma, tendo em vista as infinitas possibilidades de redefinição, Foucault observa que mudanças no discurso remetem quase sempre ao surgimento de uma nova, ou de novas vontades de verdade.

Outro tema constante em sua obra é o poder e seus efeitos – sobre o discurso, sobre a academia, sobre o indivíduo. Como alguém que preza a descontinuidade como problema de pesquisa, Foucault se pergunta como compreender a modificação nas regras de formação dos enunciados aceitos como cientificamente verdadeiros, pois

o que está em questão é o que *rege* os enunciados e a forma como estes se *regem* entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente e, conseqüentemente, susceptíveis de serem verificadas ou infirmadas por procedimentos científicos. Em suma, problema de regime, de política do enunciado científico (FOUCAULT, 1979: 4)

Há, desse modo, uma preocupação com os efeitos que agem internamente em um discurso, tanto os que regem suas alterações ao longo do tempo quanto os que ditam sua condição estática – um *regime interior de poder*. Com tais questionamentos, o filósofo deixa uma contribuição inestimável a qualquer estudioso que se proponha a pôr em prática a análise de um discurso, independente de sua área.

No campo da Arqueologia, talvez mais do que em outros, a publicação de trabalhos voltados à análise do seu discurso ainda é tímida diante das incontáveis descrições metódicas dos trabalhos de campo e de laboratório. Acredito que não se trate de uma inclinação vocacional dos arqueólogos ao trabalho braçal da escavação, e muito mais devido a certo preconceito com o chamado “trabalho de gabinete”. No entanto, com algum afinco, é possível garimpar excelentes trabalhos dedicados a observação crítica da produção

textual da disciplina, especialmente na literatura anglófona. Um exemplo é o trabalho de Rosemary Joyce, *Writing Historical Archaeology*, que, apesar de ser apenas um artigo, conta com vasto levantamento bibliográfico (JOYCE, 2006).

Joyce afirma que é através da escrita que os autores reconhecem a si mesmos e são reconhecidos como parte de determinada comunidade acadêmica. Também acredita que “a forma como escrevemos nossos relatos arqueológicos é tão constitutiva do nosso campo quanto as questões que julgamos significativas e a maneira que julgamos correta de abordá-las” (JOYCE, 2006: 48). Da mesma forma, os termos utilizados fecham a comunidade retórica a qual o texto pertence, uma vez que requerem certo grau de conhecimento especializado e o simples aceite de sua utilização já atua como um contrato entre leitor e autor.

A autora procura demonstrar, através de exemplos e citações, como o mais técnico dos textos não só não consegue ser neutro, como se apoia em um tipo específico de relação com o leitor ao se dizer verdadeiro, além de **sempre** ser narrativo em sua forma<sup>1</sup>. Entre as diferentes formatações de textos citados, o diálogo entre o arqueólogo e outros, reais ou imaginários, é classificado por Joyce como uma tentativa do autor em ilustrar seu processo de imaginação na análise dos dados. Até mesmo Flannery é lembrado, por seu livro *The Early Mesoamerican Village*, de 1976, com suas três personagens: o “Verdadeiro Arqueólogo Mesoamericano”, o “Estudante Cético de Pós-Graduação” e o “Grande Sintetizador”, que, na opinião da autora, servem como dublês genéricos dos verdadeiros interlocutores com os quais o arqueólogo debate em campo, no laboratório e na sala de aula (JOYCE, 2006). Como poderá ser visto a seguir, esta não seria a única vez que Flannery faria uso de personagens estereotipadas para comunicar suas ideias sobre Arqueologia, o que pode ser tomado como um indicativo de êxito na empreitada.

Em termos metodológicos, a análise proposta neste trabalho procura enfatizar as continuidades e descontinuidades do documento em questão, numa postura pós-processualista como a enfatizada por Joyce. Nesta perspectiva, as ideias de Foucault são centrais, uma vez que se reconhece o status da narrativa arqueológica como um exercício de poder, conforme a autora destaca (JOYCE, 2006). Assim, a análise da retórica textual de Flannery procura compreender a representação do posicionamento do autor, a partir do jogo discursivo que declara ou obscurece o papel do narrador, ao mesmo tempo em que é determinado um lugar de autoridade.

Os autores destacados neste tópico evidenciam uma prática de análise que inclui, mas não se limita ao conteúdo informado no discurso textual. Aquilo que circunda sua produção, como o autor e o leitor presumido, além das vontades de verdade e dos efeitos de poder, são sempre atuantes na veiculação da mensagem. A fim de percorrer tais minúcias, com o próximo tópico, procuro desenvolver a questão do contexto científico da Arqueologia no momento em que Flannery elaborou sua palestra.

## **A Arqueologia nos anos 1980: Antropologia, cultura e mudanças**

É importante ressaltar que a Arqueologia abordada por Flannery está inserida no universo disciplinar da Antropologia, algo que não é um consenso. Este

<sup>1</sup> Esta é uma consideração obtida a partir da leitura completa do texto de Joyce, o qual se sugere a consulta.

é o caso, principalmente, dos Estados Unidos, onde, apesar do paradigma histórico-cultural ter obtido grande aceitação, o objeto de estudo evidenciado nas escavações arqueológicas dizia mais respeito ao *outro/ indígena* do que ao *arqueólogo/europeu* (TRIGGER *apud* SCHIAVETTO, 2003). Assim, no ambiente acadêmico norte-americano foi adotado o conceito dos 'quatro campos' da Antropologia, incentivado por Franz Boas, sendo eles a Antropologia Social ou Etnologia, a Arqueologia, a Antropologia Física e a Linguística (WATSON, 1995).

O próprio Flannery apontou para a relação simbiótica entre as disciplinas em outro artigo, no qual alega que nenhum ramo da Antropologia estaria mais bem equipado para lidar com mudanças de muito longa duração do que a Arqueologia, embora argumente que haja alguns aspectos da cultura com os quais ela esteja mal equipada para lidar, o que tornaria uma dependente da outra (FLANNERY, 1983). Entretanto, não são poucos os autores provenientes do mesmo contexto que questionam até que ponto essa ligação é tão natural ou mesmo necessária. Um exemplo interessante é o texto de Gumerman e Phillips, cuja proposta é desconstruir a ideia de que esta seria a única solução, pois acreditam que "ao associar-se à disciplina acadêmica da Antropologia, [arqueólogos] estão destinados a compreender apenas superficialmente outros modelos e os corpos teóricos dos quais tais modelos derivam" (GUMERMAN e PHILLIPS, 1978: 188). A crítica dos autores estava pautada no empréstimo desmedido de modelos de outras disciplinas sem a devida atenção à estrutura conceitual que lhes deu forma, devido à transposição de trechos isolados forçosamente encaixados em problemas antropológicos.

A Arqueologia como Antropologia é, em grande medida, um resultado das propostas do Processualismo que, concebido na década de 1960 como uma reação ao formato tradicional, também chamado de Histórico-Cultural, orientou-se pela recusa aos conceitos de cultura, difusão e migração (SCHIAVETTO, 2003). Neste movimento de se opor ao paradigma anterior, a aproximação com a História, difundida em solo europeu por se tratar de um estudo do passado do *mesmo*, numa relação de continuidade, foi preterida em nome da vinculação cada vez mais clara com a Antropologia, fazendo do *outro* o tema principal de uma chamada *arqueologia da ruptura*<sup>2</sup>.

Entre os aspectos tradicionais combatidos pela dita Nova Arqueologia, houve forte reação contra o conceito normativo de cultura que a definia como um todo complexo, universalizante e apresentado em diferentes estágios evolutivos. Binford foi um dos processualistas que se propôs a reformular tal conceito, com base nos preceitos do antropólogo Leslie White, que tomava a cultura como o meio extrassomático de adaptação do homem (WHITE *apud* BINFORD, 1970). Com esse conceito adaptativo, o foco das pesquisas se volta para problemáticas mais relacionadas a interações climáticas, topográficas, geológicas e de outros fatores naturais com a tecnologia e subsistência humanas, uma ênfase que também não se mostrou livre de críticas<sup>3</sup>. Outro arqueólogo a gerar um rompimento importante foi Michael Schiffer ao propor o que ficaria conhecido como *arqueologia comportamental*, na qual se considera a cultura como um constructo analítico de segunda ordem, atribuindo ao comportamento humano a variação de artefatos, arquitetura e demais depósitos arqueológicos (LAMOTTA e SCHIFFER, 2001). Com essa rápida revisão, é possível notar que mesmo entre aqueles que seguem uma

2 Para um aprofundamento da discussão, sugiro a leitura de SCHIAVETTO, 2003 e TRIGGER, 2004.

3 WATSON (1995) apresenta uma interessante revisão das mudanças no conceito de cultura, com especial atenção ao antagonismo nascido nos anos 1980 entre o Processualismo de Lewis Binford e o Pós-processualismo de Ian Hodder.

orientação geral mais próxima, ou pelo menos compartilham o compromisso de recusar a arqueologia tradicional, não há consenso no que diz respeito à formulação ou utilização de determinados conceitos. O debate já acumula algumas décadas e não parece se aproximar do seu fim.

Para uma compreensão preliminar do contexto da parábola de Flannery, anterior mesmo a sua leitura, são estes os dois pontos que se deve ter em mente: o autor, assim como suas personagens, fala de uma Arqueologia que é, quase por definição, uma parte constitutiva da Antropologia, sua ciência-mãe, e é a controvérsia acerca do conceito de cultura que move a ação do texto e estimula seus diálogos. Sendo assim, conhecer as personalidades em choque também auxilia no entendimento final da mensagem do autor.

### **Um filósofo, uma criança e um veterano: a Arqueologia no conflito das gerações**

O diálogo entre as personagens é desencadeado por um recorte de jornal que traz o trecho de um artigo do antropólogo Eric Wolf, publicado no ano anterior pelo *Sunday Times*, onde se lê:

uma antropologia mais antiga alcançou unidade sob a égide do conceito de cultura. Era a cultura, na visão dos antropólogos, que distinguia a humanidade de todo o resto do universo, e era a posse de culturas variáveis que diferenciava uma sociedade da outra... O último quarto de século solapou esta sensação intelectual de segurança. O conceito de "cultura" relativamente rudimentar foi atacado por várias direções teóricas. Conforme as ciências sociais se transformaram em ciências 'comportamentais', explicações para o comportamento não foram mais associadas a cultura; o comportamento deveria ser entendido em termos de encontros psicológicos, estratégias de escolha econômica, esforços para obter propinas em jogos de poder. Cultura, uma vez estendida a todos os atos e ideias empregados na vida social, agora está relegada às margens como 'visão de mundo' ou 'valores' (WOLF *apud* FLANNERY, 1982: 267).

Embora este seja apenas um fragmento, o que pode dificultar uma melhor compreensão dos argumentos de Wolf, a questão central é a validade do conceito de cultura na atualidade, uma vez que as ciências sociais vinham se tornando mais complexas e lapidando novos conceitos. Como se trata de um momento crucial na discussão iniciada no texto, tomo a parábola de Flannery como uma resposta ao artigo de Wolf, especialmente em refutação à queda do conceito de cultura<sup>4</sup>. Este, aliás, é um dos pontos mais acalorados na fala das personagens, englobando toda a contenda que se forma entre os principais.

Refiro-me aos "principais", pois, dos cinco presentes ao longo da narrativa, são três os que merecem maior atenção. O diálogo acontece dentro de um avião, no retorno de um congresso em San Diego, o que faz da aeromoça um vínculo com o cenário – a personagem de poucos diálogos, que não recebe um nome, presta serviços aos quatro arqueólogos que se encontram no Boeing 747 com destino a Detroit. Flannery é um dos quatro, além de ser o narrador, ainda que seus interlocutores tenham maior presença na história. Os

4 A réplica de Wolf se apresentou na forma de um terceiro texto, ponto a ser retomado mais adiante neste artigo.

outros três arqueólogos são apresentados como personagens reais, embora o autor não forneça seus nomes – são “reais” porque cada um deles representa o porta-voz de um grande grupo de pessoas (FLANNERY, 1982: 265).

O primeiro recebe a alcunha de *Filósofo Renascido* (Born-Again Philosopher), devido a sua trajetória como um arqueólogo formado nos moldes tradicionais, ao final dos anos 1960, que se viu insatisfeito com o trabalho de retorno lento, ou pouco, das escavações e prospecções. Dessa forma, ele descobriu na Filosofia da Ciência sua verdadeira vocação, fazendo da crítica da epistemologia alheia a sua epistemologia. Aos olhos do narrador, o Filósofo Renascido é típico da década de 1960, alguém que elabora em seu escritório leis e modelos que serão, mais tarde, aplicados por terceiros, pois ele mesmo não seria capaz de um bom trabalho de campo.

A segunda personagem, referenciada como a *Criança dos Anos 70* (Child of the Seventies), é reduzida a sua ambição cega. Ela não teria nem o compromisso com o histórico-cultural típico da geração de Flannery, nem a devoção à teoria da geração do Filósofo. Seu objetivo seria fama e fortuna, algo que na Arqueologia poderia ser fácil, uma vez que as pessoas estariam mais propensas ao logro nesta área<sup>5</sup>. A carreira desta personagem, em suma, limita-se a publicação de manuais elaborados a partir de anotações de sala de aula, reproduzindo dados ainda não divulgados por aqueles que de fato os tinham obtido, ou pela compilação de capítulos escritos por outros arqueólogos: “ele pode preparar um livro por ano, usando as ideias originais de outros, sem nunca precisar ter uma ideia original por si mesmo” (FLANNERY, 1982:266).

Ambas as personagens são configuradas como antagonistas de uma terceira, o protagonista da narrativa por excelência, não só pela extensão de seus diálogos, mas pela maneira como Flannery constrói sua figura em relação aos demais. Enquanto o leitor é instigado a repudiar os atos levianos da *Criança*, que tira proveito do esforço de outros, e induzido a ver no *Filósofo* um indivíduo que se encerra numa Torre de Marfim e de lá a todos critica, o *Veterano* (Old-Timer) é apresentado como aquele profissional nostálgico, que desempenha suas funções por vocação, por um sentimento de quase predestinação. Além disso, ele é também o único a ter sua aparência descrita pelo narrador, com características bastante atreladas ao imaginário popular do arqueólogo aventureiro, mas a quem a experiência confere um ar de respeito:

ele parou por um momento com a bolsa surrada na mão, olhando de cima para todos nós. Ele era um Veterano – sem dúvida – mas sua idade ninguém saberia dizer. Quando você é tão bronzado e abatido pelo clima daquele jeito você pode ter 50, ou 60, ou até 70, e ninguém saberia dizer. Suas calças jeans passaram pela lama e por cercas de arame farpado de inúmeros trabalhos de campo, seu chapéu desbotou no sol das pradarias e seus olhos tinham o tipo de pés-de-galinha conhecidos aqui como olhar das Planícies Altas. Eu sabia que ele era um arqueólogo por causa de suas botas e sabia que ele ainda era um bom arqueólogo pelo tônus muscular em suas pernas (FLANNERY, 1982:267).

É somente com a chegada dessa figura que o diálogo realmente tem início, após ele retirar do bolso o fragmento do artigo de Wolf e informar a todos que por causa das afirmações do antropólogo seu departamento o havia demitido – afinal, ele ainda acreditava no conceito de cultura. O título

5 O fato de a Arqueologia alimentar o imaginário popular com histórias fantásticas e de pouco valor ou reconhecimento científico é o tema, por exemplo, da publicação de BAHN (1993).

inspirado que Flannery dá a sua parábola é uma referência ao presente de despedida que o Veterano recebe de seus colegas, que banham em ouro 24 quilates sua espátula da marca Marshalltown.

Dessa forma, com o cenário estabelecido e as personagens apresentadas, uma série de tópicos de discussão é levantada, de certa maneira sempre tangenciando a questão da validade ou não do conceito de cultura para o desempenho da Arqueologia. A narrativa tem início quando a notícia da aposentadoria compulsória a que o Veterano foi submetido devido ao artigo de Wolf causa uma primeira controvérsia – “O que pensa em fazer agora?, perguntou a Criança dos Anos 70, (...) – Bem, disse o Veterano, até agora as únicas oportunidades que apareceram foram algumas ofertas de arqueologia de contrato” (FLANNERY, 1982: 268). Diante desta resposta, o Filósofo dispara um riso de desdém que revela sua opinião sobre a ocupação, um campo da disciplina em franca expansão, que ele pondera: “Suponho que seja um campo razoável (...) apenas não acredito que tenha muito a contribuir com o *meu* campo”. Assim, tem início uma longa querela sobre as relações entre a teoria e o trabalho de campo, bem como as prioridades que devem ser assumidas pelos arqueólogos.

Na suspeita se a Arqueologia sem campo poderia, de fato, *ser* Arqueologia, o Filósofo e o Veterano se encontram em lados opostos, algo que fica ainda mais claro em uma espirituosa analogia que o último faz entre a disciplina e o futebol americano. Afinal, “o campo é mais baixo que tudo; é físico, é suado, é um lugar onde as pessoas seguem ordens. O balcão da imprensa é alto, separado, Olímpico, cerebral. E é verbal” (FLANNERY, 1982:271). É dessa forma que Flannery fornece ao seu protagonista todos os argumentos que justificam o seu posicionamento perante a necessidade do trabalho de campo – há uma exigência de ordem, de hierarquia, que dá sentido ao campo transformado em lugar de poder. Ali, serão tomadas as decisões, organizadas as estratégias, vencidos os obstáculos que garantirão um bom resultado final. Depois, a imprensa falará a respeito, levantará hipóteses e tecerá críticas, mas o sucesso pertence ao domínio dos jogadores.

Além disso, a recusa ao conceito de cultura como o paradigma central da disciplina preocupa não só ao Veterano, mas também ao narrador, que externa seu ponto de vista para os demais:

“Estou um pouco preocupado com isso”, admiti. “Agora, tenho a impressão que a antropologia está à deriva, como um navio sem leme. Sinto que pode se fragmentar em uma dúzia de disciplinas menores, com todos seguindo seus caminhos. Já não é mais tão emocionante como costumava ser. As matrículas caíram por todo o país. O mercado de trabalho é horrível. Suspeito que um motivo seja a falta de consenso na antropologia sobre o que ela tem a oferecer, não conseguindo se vender em comparação a campos mais unificados e agressivos” (FLANNERY, 1982:274).

Alinhado a esta opinião, o Veterano acredita piamente na necessidade do conceito tradicional de cultura para a execução da pesquisa arqueológica. O protagonista faz grande objeção aos trabalhos orientados por problemas, concluindo que, como esta é uma empreitada destrutiva em que os informantes são “mortos” em definitivo, não é possível arcar com as consequências de um estudo que não esteja comprometido com o “todo integrado” proporcionado

pela ideia de cultura. Este finca seu lugar no debate: “dados arqueológicos não vêm embalados como ‘cognitivos’ ou ‘religiosos’ ou ‘ambientais’ ou ‘econômicos’, estão todos juntos no solo – integrados de formas complexas, talvez, mas integrados” (FLANNERY, 1982:276).

Ao final de sua história, o Filósofo e a Criança já não entram mais em cena, restando apenas o narrador e um bilhete, deixado pelo Veterano na bolsa de Flannery, junto com a Marshalltown dourada. O longo desabafo do protagonista, que encerra a parábola, define, enfim, o que é a “arqueologia de primeira classe” e o arqueólogo que a faz. A ideia do conjunto cultural é constante na argumentação, algo que não está aberto para contestação. É isso que não só confere unidade às subáreas da Antropologia, mas também garante que todos os dados disponíveis em campo sejam registrados de maneira adequada pelo pesquisador. Diga-se a propósito, este pesquisador, o “garoto” do qual fala o trecho citado na primeira página deste artigo, deve ser acima de tudo comprometido com a velha e tradicional pesquisa arqueológica básica, aquela que não existe sem o trabalho de campo e não recusa o conceito-chave de cultura. Para ele, o prêmio é a Marshalltown dourada.

Com o bilhete e o desaparecimento súbito do Veterano, já que o narrador cochila e não vê em que cidade ele teria desembarcado, a personagem assume uma aura mística de oráculo de uma *Idade de Ouro* da Arqueologia. Como se não bastasse, a aeromoça, quando interpelada, diz não se lembrar de nenhum ‘senhor de botas e chapéu desbotado’ a bordo, com a exceção do próprio Flannery. A seguir, procuro demonstrar como uma análise mais atenta desta narrativa pode esclarecer alguns temas-chave para o debate da Arqueologia não só no momento em que o texto foi elaborado, como também atualmente.

## **A Arqueologia de “primeira classe” de Flannery: a teoria na parábola**

Numa consulta rápida ao dicionário de língua portuguesa, o termo *parábola* é definido como uma “narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca, por comparação, outras realidades de ordem superior” (FERREIRA, 2004: 1487). Portanto, seu compromisso com a verossimilhança permite certa maleabilidade no enunciado, a fim de comunicar, persuadir e provocar reflexão. A parábola de Flannery não seria, à primeira vista, classificada como um texto teórico-metodológico, afinal, narra o encontro de arqueólogos retornando para casa, numa conversa descontraída, ao embalo de algumas cervejas. Todavia, imbricado em suas falas é possível identificar, de maneira direta ou indireta, os lugares que ocupam no *establishment* arqueológico e suas perspectivas acerca do que faz ou não um profissional da área, o ponto central a que quero chegar.

No primeiro ponto de tensão, quando o Veterano contempla o que a aposentadoria lhe reserva, está a arqueologia fora da Academia. Com nomes que podem variar entre Arqueologia de Resgate, de Salvamento e de Contrato, esta é uma modalidade que, segundo Cordeiro, começou a se consolidar internacionalmente na década de 1950 (CORDEIRO, 2006: 40). Costuma ser empreendida onde há risco de destruição do patrimônio arqueológico, através da realização de um contrato entre pesquisadores e empresas particulares, por exemplo, no caso da construção de grandes obras

como usinas hidrelétricas e gasodutos. Neste quesito, a polêmica se deve às ressalvas que muitos profissionais, em geral, do meio acadêmico têm com relação à qualidade do trabalho desenvolvido sob as restrições financeiras e de tempo impostas pelos contratantes.

A alteração se encontra no resultado de tais imposições ao trabalho do pesquisador, não sendo poucos os que questionam a viabilidade em contribuir com o desenvolvimento da teoria e do método da Arqueologia como um todo. Chegando a ser vista como um mero trabalho técnico, a arqueologia de contrato pode inclusive sofrer a acusação de retornar a disciplina ao seu *status* por longo tempo combatido de ciência auxiliar. Este, com certeza, é um posicionamento que pode ser extraído dos argumentos do Filósofo, que, inclusive, identifica-se como um arqueólogo que trabalha em um “nível superior de abstração”, sendo um *produtor* de leis, não um *consumidor*, com uma postura claramente dedutiva.

Do outro lado da discussão, Flannery posiciona seu Veterano como alguém ciente das limitações e dos comprometimentos de um trabalho executado fora da redoma acadêmica, mas, acima de tudo, como um defensor dos arqueólogos que *ainda* lidariam de maneira direta com o que aconteceu na pré-história. Na visão do seu protagonista, as evidências escavadas fazem do pesquisador um “descobridor do passado”, estabelecendo um vínculo que não pode ser alcançado de nenhuma outra forma. A associação imediata entre Arqueologia e o ato de “ir a campo” é mais uma das questões de discordância entre estudiosos do mundo todo. A definição de onde está, exatamente, o “campo” do arqueólogo é um dissenso lembrado por Thiesen, em seu artigo sobre a arqueologia da paisagem:

faz pouco tempo que abandonamos a noção de escavação como uma espécie de questão-de-honra nas metodologias da arqueologia e passamos a dar mais atenção à cultura material que está sobre o solo e não apenas no subsolo (além das louças, vidros e ossos enterrados), ainda que existam focos conservadores nos meios acadêmicos que confundem uma técnica com o objeto de estudo da arqueologia (THIESEN, 2006:1).

A autora, contudo, refere-se a uma tendência presente nas vertentes da Arqueologia Histórica, preocupada com períodos cada vez mais recentes da experiência humana. Já no caso de Flannery, o tema é a “Pré-História”<sup>6</sup>, consideravelmente mais apegada às formas tradicionais de se fazer Arqueologia, como as técnicas de campo consolidadas ao longo do século XX. Ainda assim, é possível notar o forte apelo que o trabalho de campo exerce sobre alguns pesquisadores, que vêem nesta atividade certa nobreza, própria da identidade da Arqueologia.

Pensando dessa forma, considerando a analogia feita com o futebol americano, quem cria a teoria arqueológica? O debate entre as personagens conduz o leitor a questionar a validade da Filosofia da Ciência no que diz respeito à Arqueologia, pois, o que sabem os filósofos sobre o trabalho de campo? Qualquer argumento lançado pelo Filósofo Renascido sobre a urgência de um diálogo, na esteira das mudanças das Ciências Sociais, é rebatido pelos apontamentos do Veterano, sempre espirituoso e dotado de um charme típico de personagens rudes e experientes. Flannery, por vezes, parece querer que seu Filósofo transpareça um caráter bem-intencionado,

6 Este é um termo utilizado para pesquisas referentes a grupos sem escrita já muito contestado, devido ao seu teor pejorativo que opõe os povos *com* História aos *sem* História, mas é utilizado neste artigo para corresponder ao estilo de escrita aplicado por Flannery em sua parábola.

diferente da Criança, que assiste ao debate com atenção astuta e anotando tudo o possível, mas não deixa de torná-lo arrogante em suas colocações e seu ar de superioridade perante o arqueólogo da velha geração.

O Veterano, enfim, não acredita em teoria arqueológica. Ele acredita, sim, em uma teoria antropológica a ser transposta para uma metodologia própria da Arqueologia ou, ainda, em leis geológicas que ditam o processo de formação de sítios. Deste modo fica realçada a posição de subordinação à Antropologia, como discutido no segundo tópico, com algumas nuances em relação ao debate da condição independente da Arqueologia. Não me parece que a intenção de Flannery seja apontar para a noção de ciência auxiliar, ou de mera técnica de campo. Como uma disciplina maior que engloba outras, conforme o modelo dos “quatro campos” de Boas, o autor parece defender uma relação de contribuição interdependente. Para impor-se no diálogo, o Veterano desafia o Filósofo a ensinar-lhe um grande modelo, ou lei arqueológica, a qual permanece em aberto no texto. Além de representar mais uma vitória em favor do protagonista, pode-se afirmar que fica estabelecido pelo autor que uma teoria disciplinar só pode ser concebida na forma de leis e modelos, aspecto este questionado atualmente por estudiosos associados aos movimentos pós-modernos, os quais recusam pares dicotômicos e quadros normativos pré-estabelecidos na condução de suas pesquisas.

Porém, é importante ressaltar que a Antropologia à qual responde a Arqueologia do Veterano não é qualquer uma, mas aquela unificada sob o conceito de cultura. Ou seja, não se trata da Antropologia do artigo de Wolf, nem da Antropologia que permite que William Rathje, uma das poucas referências bibliográficas trazidas ao final do texto, estude o lixo moderno de Tucson numa perspectiva arqueológica. A personagem defende, acima de tudo, a cultura e seu conceito, ainda que vago, como o ponto de ligação dos “quatro campos” da Antropologia. A preocupação é que, sem esse todo integrado que abarcava costumes, crenças e valores, a disciplina perderia o sentido e cairia em um limbo de paradigmas variados, como o materialismo e a ecologia cultural, o estruturalismo francês, a antropologia cognitiva e a simbólica, citados por Wolf como alternativas no novo cenário intelectual.

A conversa também assume um caráter de questão ética quando se critica a perda de informação nos trabalhos orientados por problemas. Entretanto, se o leitor se mostrar mais identificado com aqueles que apontam para a inexistência do arqueólogo neutro, que aporta no sítio livre de objetivos, questionamentos e pressuposições, tal perda de dados pode vir a ser igualmente identificada naquelas pesquisas que se comprometem a coletar todo o suposto ‘conjunto cultural’.

Dadas as evidências, atrevo-me a dizer que o autor desenvolve na figura singular e carismática do Veterano, pensada para ganhar a simpatia do leitor, não apenas seu interlocutor ideal, com quem compartilha todas as opiniões e perspectivas, mas, enfim, seu alter ego. Logo, a opção pela parábola permitiu ao autor esquadrihar vários aspectos polêmicos do debate arqueológico, sem necessariamente tecer críticas diretas a nomes conhecidos do meio acadêmico. Com as personagens formuladas com base em estereótipos genéricos, como Joyce já havia notado em outra publicação do autor, Flannery pôde promover um embate de posicionamentos e eleger aquele que seria privilegiado, na voz de seu protagonista e na sua própria. Assim, contra todas as expectativas,

triunfa na parábola da Marshalltown dourada uma Arqueologia tradicional, rebatendo seus críticos e clamando por novos aliados.

## Considerações finais: ecos de Flannery

Philip Rahtz escreveu, há quase trinta anos, um capítulo bem humorado para seu livro *Convite à Arqueologia*, que optou por chamar de “A arqueologia alternativa” (1989). Versando sobre o humor dos arqueólogos, o autor lembrou o quanto estes podem ser engraçados quando reunidos, embora nem sempre o mesmo aconteça quando sozinhos. No texto, Rahtz afirma que

a arqueologia é muito importante para *não* ser ironizada. Eu também coloco piadas nas palestras como forma de manter a atenção da audiência. O problema é que as pessoas se lembram das piadas, mas não do resto da conferência, de forma que as piadas têm de ser piadas *importantes*, que ilustrem verdades profundas sobre alguns aspectos (1989: 108).

As “verdades profundas” das quais Rahtz fala podem ser entendidas como a posição do autor diante da sua Arqueologia, diante do seu fazer arqueológico. São as “vontades de verdade” de Foucault, na mesma medida em que veiculam ideias pertinentes a uma sociedade de discurso, a uma corrente de pensamento dentre outras tantas da Arqueologia. O teor engraçado cativa o ouvinte, ou o leitor, e a afirmação formulada em tom de piada pode alcançar uma repercussão maior do que quando dita sem rodeios, direta e quase autoritária. São reflexões como essa que facilitam a compreensão da escolha de estilo para a narrativa de Flannery, principalmente se lembrarmos que, antes de publicada, a parábola foi idealizada como uma palestra em um evento de alcance nacional nos Estados Unidos.

Aliás, idealizada também como resposta a um artigo de jornal, que tocava no baluarte da Antropologia, a noção tradicional de cultura. Eric Wolf chegou a redigir uma tréplica, dois anos mais tarde, retomando a querela conceitual (1984), onde suas influências marxistas ficam bastante claras. Relembrando que o Veterano despedido de Flannery insiste que somente a cultura conecta todos os artefatos de um sítio, Wolf contra-argumenta afirmando que os arqueólogos estariam muito mais preocupados em entender os tipos de conexões do que em rotulá-las como um conjunto. Sua conclusão é que o conceito de cultura não é uma panacéia, mas um ponto de partida de valor metodológico – não deve ser um instrumento limitador do raciocínio do pesquisador, e sua principal crítica ao pensamento difusionista e aos histórico-culturalistas é que

enfaticavam formas culturais; mas com notáveis exceções (como Alexander Lesser) falharam em enfatizar as maneiras como as pessoas relacionavam-se entre si – ecologicamente, economicamente, socialmente, politicamente e ideologicamente – através do uso dessas formas (WOLF, 1984: 396).

A cultura, para Wolf, não conta com uma essência interior; além de plurais, culturas e sociedades estão em constante construção, desconstrução e reconstrução, formulando novas conexões entre as relações sociais de produção. Na concepção do autor, cultura é, em suma, “ideologia-em-

formação”, nem estática, nem predeterminada, mas um constante ponto de tensão.

Não foi só na tréplica de Wolf que a parábola de Flannery foi retomada para discussão, sendo possível encontrar suas referências em vários textos posteriores. James Deetz, por exemplo, concordava em absoluto que a cultura, não o comportamento, fosse o paradigma central da Arqueologia (DEETZ, 1989). Defendeu, inclusive, a visão de que a escavação deveria responder ao máximo de perguntas possível, contra a pesquisa orientada por problemas – apesar de reconhecer que ambas as alternativas apresentam suas desvantagens. Já Alison Wylie promoveu uma extensa discussão entre os trabalhos de Schiffer e Flannery, no que diz respeito as suas ideias sobre a Filosofia da Ciência em Arqueologia (WYLIE, 1985). Em sua opinião, a parábola não apresenta uma condenação inequívoca da análise filosófica na e da Arqueologia, desde que se refira à prática e aos problemas arqueológicos e seja desempenhada por pesquisadores seniores formados em campo.

Não resta dúvida, portanto, de que a narrativa de Flannery ecoou pelo meio acadêmico e deixou sua marca na reflexão teórica da disciplina. Trigger se mostrou espantado ao verificar que esta, a “apostasia mais impressionante das preocupações metodológicas da Nova Arqueologia em prol de ‘fazer arqueologia’” (TRIGGER, 2004: 416), viesse logo de um teórico processual de tão conhecidas credenciais. Mas, como a Criança dos Anos 70 observa, o protagonista da parábola saiu direto da ‘rica, mas desprezada tradição empiricista’, uma origem da qual talvez Flannery não buscasse se desvencilhar totalmente.

## Referências Bibliográficas

BAHN, Paul. *Tudo o que você precisa saber sobre Arqueologia para nunca passar vergonha*. Coleção Manual do Blefador. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

BINFORD, Lewis. *Archaeology as anthropology*. In: FAGAN, Brian (ed.) *Introductory readings in archaeology*. Little, Brown, Boston. p. 325-338. 1970.

CORDEIRO, Darlan Pereira. *Conhecendo Arqueologia*. Itajaí: Ed. do autor, 2006.

DEETZ, James. “Archaeography, archaeology, or archeology?”. *American Journal of Archaeology*, vol. 93, n. 3, p. 429-435, jul/1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FLANNERY, Kent. “The Golden Marshalltown: a parable for the archaeology of the 1980s”. *American Anthropologist*, New Series, vol. 84, n. 2, p. 265-278, jun/1982.

\_\_\_\_\_. *Archaeology and ethnology in the context of divergent evolution*. In: FLANNERY, Kent; MARCUS, Joyce (eds.) *The cloud people: divergent evolution of the Zapotec and Mixtec civilizations*. New York: Academic Press, p. 361-362. 1983.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. "Linguística e arqueologia". *DELTA* – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, vol. 15, n. 1, Fev./Jul. 1999.

GUMERMAN, George.; PHILLIPS, David. "Archaeology beyond anthropology". *American Antiquity*, Vol. 43, n. 2, Contributions to Archaeological Method and Theory, pp. 184-191, Apr./1978.

JOYCE, Rosemary. Writing historical archaeology. In: HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary (eds.) *The Cambridge Companion to Historical Archaeology*. New York: Cambridge University Press, p. 48-65. 2006.

LAMOTTA, Vincent.; SCHIFFER, Michael. Behavioral archaeology. Toward a new synthesis. In: HODDER, Ian (ed.) *Archaeological theory today*. Cambridge: Polity Press, p. 14-64. 2001.

RAHTZ, Philip. A arqueologia alternativa. In: *Convite à arqueologia*. Rio de Janeiro: Imago Ed., p. 108-139. 1989.

REIS, José Alberione dos. "Lidando com as coisas quebradas da história". *Revista Arqueologia Pública*, São Paulo, n. 2, p. 33-44, 2007.

SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira. *A Arqueologia Guarani*. Construção e desconstrução da identidade indígena. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2003.

THIESEN, Beatriz Valladão. "Arqueologia industrial ou arqueologia da industrialização? Mais uma questão de abrangência". *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 4, 2006.

TRIGGER, Bruce. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

WATSON, Patty Jo. "Archaeology, anthropology, and the culture concept". *American Anthropologist*, vol. 97, n. 4, p. 683-694, 1995.

WOLF, Eric. "Culture: panacea or problem?" *American Antiquity*, vol. 49, n. 2, p. 393-400, 1984.

WYLIE, Alison. "Between philosophy and archaeology". *American Antiquity*, vol. 50, n. 2, Golden Anniversary Issue, p. 478-490, apr./1985.